

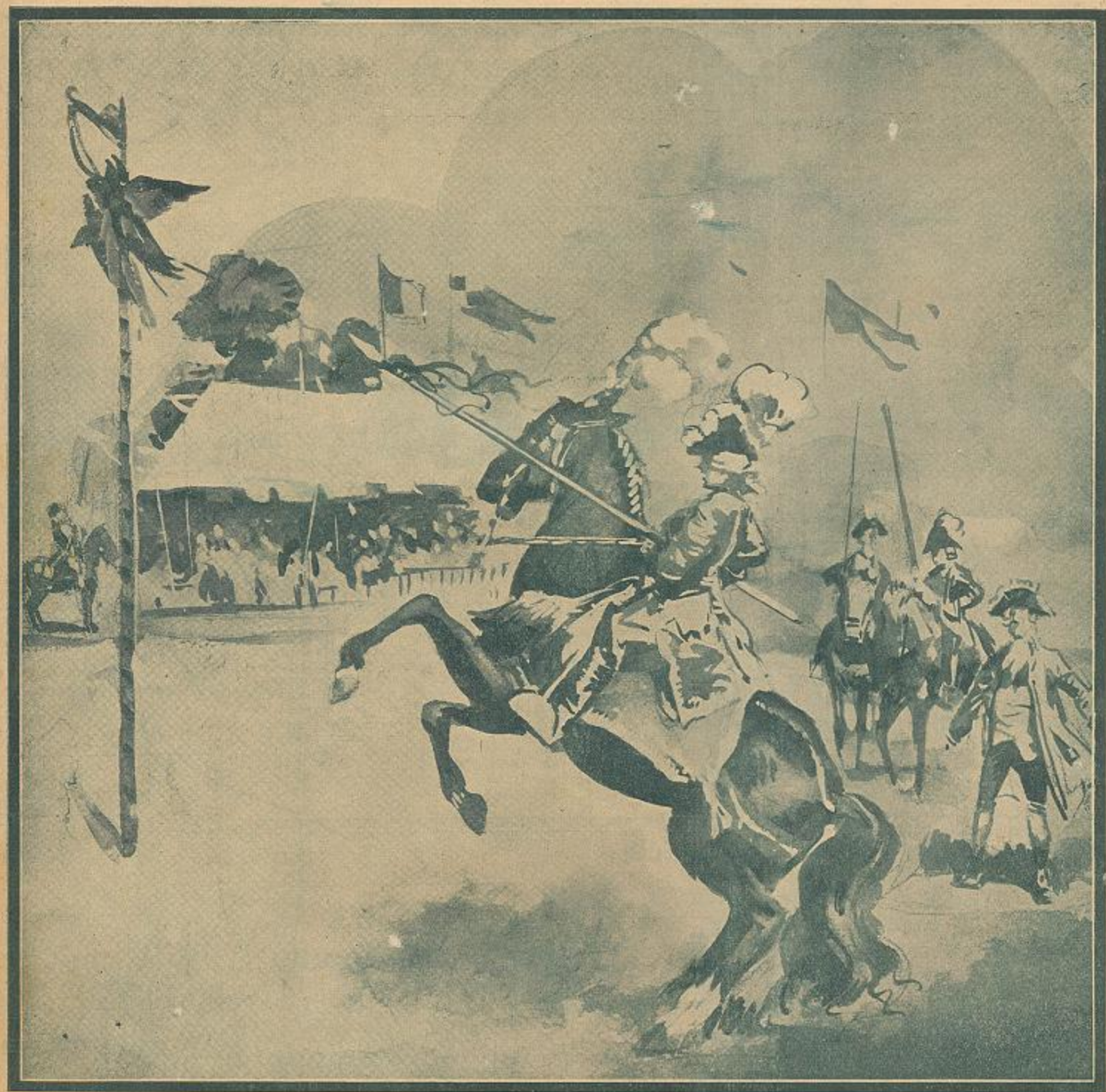
# O DOMINGO

SEMANARIO  
R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

## *ilustrado*

AGENTES EM  
TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### A Arte de Marialva

Hoje á tarde, na Curia, evocam-se gloriosos tempos passados nas cavalladas historicas, ccheias de esplendor, caracter e de beleza. E' uma das scenas mais evocativas e coloridas do programa das festas,

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



# ECOS

## O Papa e os automóveis

Enquanto a Curia promove uma corrida de automóveis, a Cúria (romana...) protesta contra as velocidades que atingem os mesmos veículos... Do Vaticano alvitra-se uma «ente» entre os governos, para que só seja permitida uma velocidade de 15 quilómetros á hora. Recordar-se o numero de desastres mortais, originados pelos excessos automobilísticos. Sua Santidade esquece que a morte é o primeiro degrau do progresso, é jul a possível a continência dentro da velocidade, na hora em que o movimento domina o mundo em plena apoteose de «jazz-bands» a desarticularem-se em «charlestons».

## Mais reclamações

Os jornais publicam a fotografia dum numeroso grupo de professores universitários á porta do Ministério das Finanças, onde foram reclamar contra as economias orçamentais que veem atingir os seus direitos e prerogativas. Sem ser nítida, a fotografia deixa distinguir pessoas conhecidas: o senhor reitor da Universidade de Lisboa, o vice-presidente da Academia de Ciências, o Dr. Manoel Ramos—grande figura de professor,—o Dr. Agostinho Fortes,—o que nunca falta ás aulas, o que estuda sempre... E tantos outros valores da nossa melhor intelectualidade. Como é eloquente aquela fotografia sumida!

## O concurso de «ex-libris»

Congratulamo-nos com a decisão do Juri que concedeu á insigne desenhadora D. Raquel Roque Gameiro Ottolini os dois primeiros prémios no certame organizado pela Imprensa Nacional. A notável artista executou primorosamente uma ideia que inteligentemente se ajustava ao espirito do certame, e os seus desenhos premiados são mais uma prova de que é ela, hoje, um dos maiores illustradores portugueses.

## Antonio Corrêa d'Oliveira

O poeta nacionalista dr.: Antonio Corrêa d'Oliveira acaba de dar-nos um novo volume de versos—«os Sinos do Cativo»,—com que apoz uma larga interrupção realta o fio da sua obra de evangelização patriótica—«Na Hora Incerta» ou a «Nossa Patria».

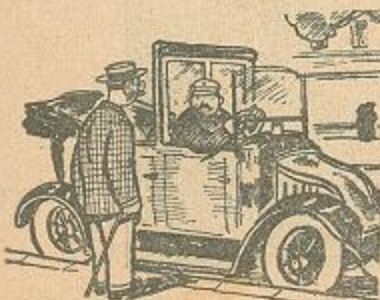
Um livro novo do grande artista da «Nossa Terra» é sempre um acontecimento, que merece registio festivo.

A ele nos referiremos num dos nossos proximos numeros, com o vagar que merece.

## LER NO PROXIMO NUMERO AS VERDADES DE JUSTO

### CARTILHA

## SEJAMOS PRECISOS



— Chauffeur, á rua 24 de julho...  
— De que ano, faz favor?...



# questão prévia

De vez em quando a policia, lembrando-se de que a sua principal função consiste em garantir a segurança publica, faz uma rusga pelos sitios mal frequentados. Deste arrastar pelos fundos sociais, as redes da policia veem cheias de lodo humano e de navalhas de ponta e mola, cuja conta raro deixa de atingir duas ou tres centenas.

Em vão a imprensa tem estigmatizado este instrumento de crime com os mais severos adjectivos, desde «traçoira» a «infame», aquella «infame navalha» que aparece em todos os titulos dos relatos de crimes do genero. Em vão a policia apreende e dá sumição a cabazadas de navalhas. Elas resurgem sempre, mais numerosas e avidas de sangue, com os estalinhos sinistros das molas em acção e com a ponta aguçada, procurando carne em que se enterrem, com a delicia do odio saciado.

A pistola, que durante um momento pareceu prestes a destronar a navalha como arma homicida e que teve a sua aura em brigas de rufões profissionais, não conseguiu decididamente o favor da gente do crime. E' um instrumento traçoira—para quem o maneja, engravando-se na melhor oportunidade e deixando o assassino com agua na boca. E depois como esférica não vale a navalha, porque o crime tamhem tem a sua arte e o manejo da navalha é, entre os culores do genero, uma esgrima sujeita a regras e dividida em tempos. Ter boa pontaria, meter duas balas na «mucuche»—puff!—E' habilidade de que pode orgulhar-se qualquer burguez inofensivo. O prestigiosinho está todo em dar um «risco» certo, da orelha á boca, na face do adversario, o preciso para rasgar a pele e deixar defeito, por vezes cicatriz gloriosa que desperta a gula dos beijos das Damas das Camélias de chale feludo e chinela ponteadas.

Um furosinho na carne, o pequeno orificio que a bala deixa ao penetrar, não é coisa que entusiasme o profissional do crime. A navalha sim, que abre caprichosos feridas, bocas golfando a vida em jorros vermelhos de sangue. E depois silenciosa, não provocando alarme, dando tempo a gcsar o escabujar da vitima e a pôr-se o autor da avaria longe da curiosidade da policia.

Por todas estas razões a navalha gosa dum impercível prestigio nos «bas-fonds» da cidade. Por mais que a policia lhe dê caça ella reaparece sempre, como erva ruim em mau terreno. Tem raizes fundas nas tradições do crime e se um dia tiver o seu panegerista, ele não deixará de lhe dar por antepassados illustres as «rapiéres» dos rufões de D. Afonso VI.

Arrancar as navalhas ás mãos que, frementes, lhes apertam os cabos, em sofreguidões de sangue e em alucinações de crime, é apenas um inutil trabalho de Penelope.

Solta a arma, logo outra a substitui, mais afiada e pronta a feir. O escalracho, arrancado violentamente, renasce dentro em pouco, mais vigoroso e exuberante. Para o extinguir ha que revolver profundamente o terreno, matar a raiz da erva daninha que se entrosca nos torrões mais fundos. O que é preciso é destruir nos corações a arsia do crime, desenraizar dos espiritos a flor do mal.

E quando isto for um facto, a navalha não será mais do que um inofensivo instrumento destinado a fins pacíficos e uteis, como aguçar o palito depois de jantar e talhar barquinhos de cortiça com que os pequenos se ensaiam para Vascos da Oama.



## Leitão de Barros

Leitão de Barros por virtude, do exgotante trabalho de preparação das festas da Curia, que lhe tem absorvido todo o tempo, só no próximo domingo retomará a direcção deste semanário.

## Livros recebidos

A falta de espaço não nos tem permitido a publicação de noticias criticas ácerca de obras oferecidas recentemente. Pouco a pou o iremos satisfazendo esse dever. Pedindo aos autores que nos relevem a falta, queremos acusar a recepção do livro de novelas «O vôo nas trevas», onde o nosso camarada Ferreira de Castro patenteia, mais uma vez, os seus méritos de vigoroso escritor bem contemporâneo.

## A crise dos Liceus

De todo o lado afluem os pedidos para que se soluçione o caso do Liceu Camões. Este Liceu, situado numa das mais importantes, mais vastas e populosas zonas escolares, esteve todo o ano passado num regimen duplo de aulas, em dois turnos, afim de dar satisfação ás varias centenas de alunos que ali se matricularam. Ninguem ousará contestar que esta situação, é irregular e anti-pedagógica. Para a remediar torna-se urgentissima a criação de um novo Liceu. Surgem os alvites e as indicações de local e c. sa. Esperamos que o Sr. Ministro da Instrução, a cujas obras e intenções se não regateiam elogios, saberá resolver este caso com a urgencia e o cuidado que elle require.

## O SOBREVIVENTE



—Acontece-me agora o mesmo que me succedia há anos, quando eu fui o unico sobrevivente dum horrivel desastre ferroviario...  
—Então o que foi?  
—Perdi o comboio...

## SCIENCIA



—Sim minha senhora, atravessá o Atlantico num pequeno bote, apenas guiado pelo bussolo, e seguindo em pre o ramo de Oeste!...  
—Não pode ser... então a bussola não aponta só para Norte?...

## ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## cronica da semana

### ASPECTOS DE LISBOA

Já tínhamos a palmeira. Agora temos a policia de transito com o capacete colonial. Ficamos completos. A paisagem não precisa de mais nada para se aproximar um pouco do sertão.

Quem vem da Europa e desembarca em Lisboa fica logo edificado. A côr morena propria da nossa raça contribui tamhem para completar a illusão.

Eu não ponho em duvida as vantagens do capacete colonial que agora começou a ser usado pela policia. Já me servi dele tamhem e sei como sabe bem num dia de sol ardente do Equador. Mas entre nós, o perigo da illusão não existe. O termometro não justifica o capacete branco.

Lembrem-se de que estamos na Europa, numa Europa temperada que nós estragamos um pouco á nossa maneira, entre 37.º e 44.º de latitude norte. Para nos aproximar do continente negro, já tínhamos a palmeira e o preto. Não precisavamos do cogumelo branco.

A policia entrou no casebre duma pobre velha demente, supomos que com intuitos higienicos, e topou ali com algumas cedulas que somadas pelo mais habil contabilista não chegam a fazer dois magros contos de reis.

Tanto bastou para que a imaginação popular formasse logo uma lenda em volta do casebre da mendiga.

—Tu podes lá imaginar!... Há dinheiro por todos os cantos... Uma fortuna! Aquilo até parece o Palacio do menino de Oiro!

Uma testemunha presencial do acontecimento garantiu-me, sob palavra de honra, que já tinha sido apurados sessenta contos de reis e que ainda a procissão ia na rua. Havia quem estivesse convencido de que saía daquelle tesouro misterioso o numerario suficiente para pagar a divida á Inglaterra e comprar uma andaina em estado de nova para assistir ás festas da Curia.

Afinal, a pobre velha tinha apenas o suficiente para não morrer de fome. Se lhe não vale a parentela, que é do melhor que aí se topa nos livros do nobiliario indigena, a illustre senhora que a miséria levou á demencia acaba por esticar um dia a uma esquina, sem vintem para matar a fome.

## NORBERTO LOPES

### MEDICINA



—Não, meu amigo, tenho passado tão mal que não calaia. Não como, não durmo...  
—Porque não vai ao medico?  
—Pois por causa da conta do medico é que eu ando assim...

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



— Pagina Alegre — por Xisto Junior —

Historia tragico-maritimo

DEPOIS de conhecer, em cada três, vinte e quatro criadas novas, a familia Esteves acabou por acertar. A Esperança entrou-lhes em casa sob a forma duma criada robusta e chegada havia pouco da provincia, que dava todas as abonacoes e os bons dias com muita correccao, não salgava a comida, nem queria percentagem nas compras da praça.

A familia Esteves começou a alimentar a Esperança com grandes pratinhas



esturrar os manjares e logo o pai Esteves, ladino e experimentado, percebeu que ali andava namôro.

Com effeito, a boa Esperança deixara-se prender por um cabo de cavalaria da Guarda, que num domingo lhe dissera no Jardim Zoologico, junto á gaiola dos chimpanzês:

— Não me importava de ser o «Fautô», se a menina quizesse ser a «Catarina».

Tão requebrado madrigal rendeu o coração ingenuo da boa Esperança, que não apresentou resistencia e se deixou conduzir á prisão do amor, rindo e tasquinhando pevides.

O pai Esteves, quando presentiu que havia namôro na costa, communicou as suas suspeitas á consorte, induzindo-a a fechar os olhos para não perderem a Esperança, mas a mulher é que não se conformou, alegando que lhe perdoara já seis copos partidos e uma dúzia de pratos em cacos, mas que no namôro não consentia e que a punha na rua, se ela não dêsse baixa ao soldado.

Ora uma noite, a senhora Esteves foi acometida duma indisposicao de estomago e quando o marido se dirigia á cosinha, a chamar a Esperança para fazer chá, deparou com o quadro clássico do cabo e da criada, arrulhando junto da chaminé. Esteves mediu

logo, a olho, á situacao: a Esperança despedida, a reprise da tragedia das criadas que entram e saem no mesmo dia.

Precisamente, uns passos no corredor anunciavam que a senhora vinha pessoalmente informar-se se o chá estava aberto. Esteves, então, perdeu a



cabeça e empurrou o cabo para dentro da carvoeira. Mas—ai!—era o cabo escondido com o rabo de fóra e logo que entrou na cosinha a senhora Esteves deu com a coisa e investiu com a Esperança e com a carvoeira: —Então você esconde um homem na minha casa?

— Quem o escondeu foi o senhor— alegou a criada, apontando o Esteves.

— Foste tu que escondeste o homem?

— Fui—confessou o Esteves muito murcho—Não vês que queria experimentar se era capaz de fazer o mesmo que o Vasco da Gama...

— O Vasco da Gama?...

— Sim, por isso dobrei o cabo da boa Esperança.

E, com effeito, dentro da carvoeira, que era muito baixa, lá estava o cabo de cavalaria, que era muito alto, dobrado em quatro.

XISTO JUNIOR

EXPEDIENTE

Para boa regularidade dos nossos serviços, pedimos aos nossos agentes a entrega das sobras, quando para este fim forem procurados. Chamamos a atencao dos nossos agentes para este assunto, devido á mudanca que o nosso jornal vai sofrer.

OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

“Terra Nova”

E' O MELHOR E O MAIS PURO.

VENDE-SE NA

R. DA MAGDALENA, 78 — LISBOA

SERAFIM & LOPES, L.<sup>DA</sup>

Ferragens e Ferramentas

Louças de ferro esmaltado e Estanho e Alumínio. Bigornas, Cavaletes, Safra, Tornos e Engenhos de furar. Foles.

R. de S. Paulo, 43 a 47

T. dos Remolares, 50 e 52

Telefone C. 844—LISBOA

SOCÊGO



— Então compraste-me o cão para te guardar a casa e ainda não pedes dormir descansado? o que é que te impede?

— O cão!...

de feijão com hortaliça, o que lhe permitia nutrir outra esperança: a de ter criada para muito tempo.

De resto, a rapariga agradou a toda a gente da casa. Socegada, obediente, acuada, afectuosa, dentro em pouco era conhecida, por toda a familia e pessoas da suas relações, pela boa Esperança.

Os Esteves andavam radiantes e toda a gente lhes invejava a criada, que sobre todas as qualidades supra mencionadas tinha a de não simpatizar com a Guarda Republicana nem com a policia, garantia da inviolabilidade do domicilio do cidadão Esteves.

Um ano assim decorreu, com a boa e risonha Esperança á testa dos serviços domesticos, mas um dia veiu em que a criada ideal começou a andar distraida, a quebrar a louça, a deixar



“VIAJENS Á VOLTA DAS DITAS DURA S.” — por Antonio Ferro.

A publicação do novo livro de Antonio Ferro—demorada viagem á volta da politica mundial—parece-me um excelente pretexto para lhe afirmar todo o meu apreço pela sua obra e pela sua personalidade moral, ambas de inconfundível superioridade e ambas tão rancorosamente discutidas.

Dito isto, parece-me inutil frizar a minha admiracao pelas virtudes literarias do seu novo livro, que igualam as de todos os seus livros sempre novos; a mesma indiscutível originalidade, a mesma admirável leveza, dentro duma prosa rica de sentido moderno, onde o movimento, o som e a cor andam de mãos dadas, num rodeio que deslumbra, atordoa e nos leva, em saltos de mortanha russa, num labirinto de «rails» vertiginosos, de linhas onde nunca se descarrila e por onde se vao até ao «terminus», até á ultima pagina.

A obra de Antonio Ferro é hoje a que tem gravada mais indelevelmente, em maiores letras de fogo, a marca do seu tempo. Será um estigma de efemera gloria? Será uma victoriosa prova de que foi ele o que, entre nós, melhor traduziu literariamente a nossa hora desarticulada,—periclitante dançarina de corda-bamba, no imenso circo do Tempo? O Futuro decidirá, em última instancia. Mas enquanto não se resolve a equação, é bem anti-pático o papel dos que vão collocando obstaculos e estendendo armadilhas perante o passo firme do escritor que, honestamente, sinceramente, cumpre o seu destino.

Para escrever as entrevistas que reuniu no seu último livro, Antonio Ferro sujeitou-se a uma prova durissima, a uma verdadeira prova de exame final, para mestre de jornalismo. Sem juizes, sem examinaçoes, foram os maiores homens do seu tempo, os que ardam a modelar inéditas fisionomias sociais. Antonio Ferro ficou distinto no exame e trouxe os seus diplomas, que são, além duma valiosissima collecção de retratos com honrosas dedicatórias dos actuais senhores do mundo—a série de entrevistas agora publicadas em livro e cuja simples leitura nos obriga a concluir que todos os entrevistados descobriram, talvez com surpresa, um autentico valor intelectual no jornalista que tão bem soube vencer a sua protocolar concisao.

Da probidade com que o redactor do «Diario de Noticias» interpretou o espirito das suas conversas, por vezes rapidas, com os eminentes politicos que entrevistou, fala bem claro a recente condecoração com que o governo italiano o agraciou. E' indiscutível que as dificuldades na transcriçao e comentario dessas conversas só podiam ser vencidas por quem, como Antonio Ferro, possuísse as melhores qualidades que caracterizam um completo jornalista moderno: dilatada cultura geral, audacia, imperturbavel sangue-frio, memoria fiel, rapida inteligencia critica, espirito observador, desapaixonado e imparcial.

Que continuem a atirar-lhe pedras e pedregulhos tocos os que sentem a impunidade garantida pela certeza de—por muitas voltas que deem á vida,—nunca andarem á volta das grandes figuras mundiais e nunca poderem, portanto, apresentar uma obra que apeteça pôr em paralelo com esta viagem á «Volta das Diladuras».

Tezeta LEITÃO DE BARROS

RECEITA



— Seu marido, minha senhora, não está em socôgo.

— E quando o deve ele tomar?

— Ele? Perdão, mas o calmante é para V. Ex.<sup>cia</sup>!



Curiosidades

# Agosto de 1914

## CORDEALIDADE FRANCO-AMERICANA

O americano brigadeiro general Sher- ril, antigo ministro, conhecido pelos seus estudos sobre vitrais antigos, pe- diu á Sociedade «Salvaguarda da arte francesa», de que é sócio, para lhe in- dicar uma igreja, na região parisiense, que precisasse de reparações, a fim de prover a elas á sua custa. Impunha sómente a condição de que nessa igre- ja houvesse vitrais interessantes e que nela, todos os anos, no dia 30 de maio, fosse rezada uma missa por alma dos soldados americanos mortos pela Fran- ça. Foi indicada a colegiada de Bri- Comte-Robert e os trabalhos já se ini- ciaram há um ano.

## A UNIVERSIDADE DE LOVAINA

Realizaram-se com grande brilho as festas da Universidade de Lovaina, cuja magnífica biblioteca de cento e cin- quenta mil obras antigas, trezentos incu- nábulos e inúmeros documentos pre- ciosos, foi incendiada pelos alemães, em 25 de Agosto de 1914, logo nos primeiros dias da Grande Guerra. Esta Universidade tem cinco séculos, pois que foi em 1425 que o papa Martinho V concedeu ao duque de Brabante a au- torisação de criar em Lovaina (Louvain) um *studium generale* semelhante aos de Paris, Bolonha e Colónia. Erasmo foi professor desta Universidade. De 1797 a 1834, a Republica suspendeu o ensino universitário de Lovaina, sen- do a aula de teologia transformada em sala de espectáculo e a de direito ca- nónico em «café»...

## OS TRÊS GRANDES COMUNICADOS

Os três grandes comunicados do exér- cito francês, durante a guerra, são os seguintes: o de 5 de Setembro de 1914, em que o marechal Joffre orde- na que cesse a retirada e comece imediatamente a ofensiva; o de 13 de Setembro, que regista a vitória do Marne; o de 11 de Novembro de 1918, assinado pelo marechal Pétain, que anuncia o armistício, após cinquenta e dois meses de guerra.

## FUNERAIS EGÍPCIOS

O julgamento dos mortos era uma cerimonia que precedia sempre os fu- nerais, no antigo Egipto. Quarenta juizes, escolhidos entre os anciãos que melhor conheciam o que fôra a exis- tência do defunto, examinavam tôdos os acontecimentos dessa existência, ouvindo testemunhas. Se a conduta do morto fôra irrepreensível, os juizes deixavam que o corpo fôsse transpor- tado para a necrópole familiar; no caso contrário, era colocado numa sepultura comum, entre estranhos.

Essa sepultura chamava-se o *tartaro*. Os próprios reis eram submetidos ao julgamento dos mortos e podiam ser acusados pelo mais humilde dos seus súbditos. O julgamento do tribunal de anciãos simbolizava o que o homem, depois de morto, deve sofrer, perante o tribunal de Deus.

VAMOS entrar no grande mês da Historia Contemporânea, no mês novo- rico de retumbantes datas, de momentos culminantes na vida das grandes potencias modernas. Vai fazer treze anos (será conta fatidica?) que a Europa acordou dum sono agitado que não chegara a durar meo seculo. Acordou como uma senhora velha, rabugenta, irascivel. Acordou com sede, com uma insaciavel sede de sangue, e morta por se zangar com os vizinhos e com os criados. Qualquer pretexto lhe servia para realizar mais essa *étape* do seu destino.

Em 28 de Junho de 1914, um estudante servio, quasi uma criança, dispa- rou sobre o arquiduque herdeiro da Austria, em Serajevo, as balas que teem causado mais mortes, desde que ha homens a dispararem balas...

A Alemanha convenceu a Austria a aproveitar esse pretexto para rebaixar a Servia, cujo territorio aumentara consideravelmente depois da guerra dos Balkans e que tinha grande poder de atracção sobre os vinte e cinco milhões de slavos encorporados no imperio austro-hungaro.

A Austria obedece á pressão alemã e em 23 de Julho dirige á Servia um *ultimatum* com condições inaceitaveis, que devia ser aceite ou não, em qua- renta e oito horas. Propositadamente, as grandes potencias não são avisadas do *ultimatum* senão no dia 24, sendo a Servia obrigada a dar uma resposta no dia 25, ás 6 horas da tarde. No entanto, seguindo o conselho da França, da Russia, da Inglaterra, a Servia resolve submeter-se e apenas põe certas res- trições á participação da policia austriaca no inquérito sobre o atentado.

Mas o ministro da Austria em Belgrado, seguindo instruções do seu go- verno, declara insufficiente a resposta e pede os seus passaportes.

Estava destruido o equilibrio europeu. A Russia não permite o esmagamento da Servia; a Alemanha contesta á Russia o direito de intervir e sonda as intenções da Inglaterra, cuja resposta, dada por Sir Eduard Grey, é a de que agirá segundo as circunstancias.

E' então que a Alemanha sofre o seu primeiro percalço de guerra: cousa insignificante... Um jornal alemão, o *Lokal-Anzeiger* dá, por engano, noticia da mobilização geral da Alemanha, a qual, de facto, se estava fazendo, no maior segredo, desde 25 de Julho. No dia 31, a Austria mobilisa; algumas horas de- pois, a Russia imita-a. No dia 1 de Agosto, a Alemanha declara a guerra á Russia. A França, ante a attitude da sua belicosa vizinha, ordena tambem a mo- bilização, no dia 1 de Agosto, ás 3 h. e 40 minutos.

Mas como não havia qualquer conflito entre os governos francês e alemão, foi preciso inventar uma razão de queixa. A Alemanha declara que um avião francês andou lançando bombas sobre Miremberg e Carlsruhe e, baseando-se neste acontecimento, que ninguem presenciou, declara a guerra á França, em 3 de Agosto, ás 5 h. e 45 minutos.

A Italia resolve manter-se neutral, por enquanto... Mas a Inglaterra, vendo o territorio da Belgica invadido pelas tropas alemãs, manda um ultimatum á Alemanha, exigindo que se suspenda a incursão. Como a resposta seja nega- tiva, o embaixador inglês em Berlim reclama os seus passaportes, em 4 de Agosto. E' então que o chanceler Bethman-Hollweg grita, ao embaixador, esta frase historica: «Vão fazer a guerra por causa dum bocado de papel!» O «bo- cado de papel» era o tratado de 1831, onde era garantida a integridade belga.

O xadrez europeu estava em plena confusão. Dum lado, estavam a Ale- manha e a Austria; do outro, a França, a Russia, a Inglaterra, a Belgica, a Ser- via, o Montenegro e o Japão, que declarou a guerra em 15 de Agosto. Durante quatro anos, dois mezes e onze dias, os homens prestaram culto aos deuses que teem sede de sangue e milhões de vidas inocentes se sacrifi- caram ao hipotetico repouso das gerações vindouras, sobre algumas das quais os mesmos deuses não deixarão de lançar a sua tremenda exigencia, a mesma que tão nitidamente se ouviu no ano do Terror e nesse angustioso Agosto de 1914... «Temos sede, temos sede...»

## ALVES & GUERRA, L.<sup>DA</sup>

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 5496 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49

ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43

LISBOA

## Cosulich Line CAMPEADOR

esperado a 27 de Julho

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.<sup>DA</sup> LISBOA

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

LISBOA

Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

## UMA OPTIMA INSTITUIÇÃO

Uma senhora inglesa acaba de fun- dar uma sociedade absolutamente ori- ginal. Chama-se a sociedade «*The useful women*» (As mulheres úteis) e tem a sua sede em Londres. As sócias estão á disposição de quem as quizer utilizar: adormecem o *bébé*, enquanto a mãe anda na rua; vão fazer compras para os outros; vão chamar um médi- co, aviar uma receita, etc. Acompanham os estrangeiros que não conhecem a cidade, e dão preciosas indicações a respeito de compras.

## COSTAS LARGAS...

O comprimento total das costas da França, da Inglaterra, da Itália, do Japão e dos Estados Unidos, compreendendo as colónias, protectorados, concessões e ilhas, é o seguinte: França, 31.288 quilómetros de costas a defender; Inglaterra, 132.159 quilómetros; Itália, 13.804; Japão, 41.373; Estados Unidos, 64.227.

## O INSTINTO DAS ABELHAS

Um sábio entomologista alemão, o Dr. Ernst Wolf, tem-se dedicado últi- mamente ao estudo das abelhas, che- gando a curiosas conclusões. Assim, por exemplo, verificou que as antenas são um dos órgãos mais impressioná- veis e delicados e que é graças a um sentido nelas localizado, muito mais que ao sentido da vista ou do olfato, que as abelhas são capazes de encon- trar o seu cortiço, mesmo vindas de grandes distancias, uma vez que elle não tenha mudado de lugar. Depois de várias experiências, concluiu que as abelhas medem os angulos e as voltas que dão, desde que saem dos cortiços, servindo-se para isso das suas preciosas antenas.

## ESTAR «EM PANNE»

O automobilismo veio dar grande voga á expressão «estar em panne», autentico galicismo. Mas poucos sabem a origem da expressão, que é a seguin- te: estar *en panne* (de *pannus*, pano) dizia-se dum navio cujas velas não lhe permitiam avançar, por estarem mal armadas ou por ausência de vento. Este antigo termo de marinha é já há muito usado, em França, no sentido figurado.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRI- COS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

# LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



O DOMINGO  
ilustrado

# TEATROS

*lá por dentro*

Tournée-Lucilla Simões-Erico Braga-  
Gilbert Lambert

**As festas de verão  
em S. Pedro do Estoril**

—Ao que se diz o Teatro Variedades, do Avenida Parque, será ainda explorado, na presente época, por uma companhia de opereta, genero popular.

—Dois escritores teatraes, que assumiram já uma peça de costumes populares, ao que nos consta, propõem-se reincidir, perpetrando uma outra obra do mesmo genero.

—Em breve as companhias em tournée pela provincia serão aumentadas com uma de opereta e revista e outra de comédia e farça.

—Está contratada com a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho a peça espanhola *La Caraba*, um dos grandes exitos de Muñoz Seca e Perez Fernandez, ainda em scena no Alcazar, de Madrid, onde é representada pela companhia dirigida por Irene Alba e Juan Bonafé. Assinam a tradução de *La Caraba* Mario Duarte, Feliciano Santos e Amilcar de Barros Queiroz.

—A peça com que deve reaparecer em Lisboa a Companhia Cremilda d'Oliveira é a adaptação a *vaudeville* da «Duquesa e o criado de quarto». Nesta peça estreia-se, como compositor de obra de conjunto, o sr. dr. Coutinho de Oliveira, bem conhecido pelas suas canções, hoje vulgarisadissimas.

—A *tournée* Alexandre de Azevedo encontra-se no norte, estando a organizar o seu novo itinerario.

—A Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes Portugueses vai iniciar a cobrança dos chamados pequenos direitos, tanto de autores nacionais como dos estrangeiros de que tem a representação. Presentemente aquela Sociedade representa em Portugal mais de 20.000 autores.



*Em meados de Agosto, Lucilla Simões, Erico Braga e a pianista Yvone Gillibert Lambert percorrerão de automovel as nossas praias e thermas. Vão fazer «serões ds arte». Eis uma nota distinguêe do nosso teatro.*

## TEATRO EM CRISE

### A CURA COMPLETA EM DOZE CONSULTAS

## As verdades de Justo Cartilha

**F**ALA Justo Cartilha:

A fabrica das estrelas é o proprio teatro, que tem uma infinidade de laboratorios anexos, por onde vai passando, em cadinhos, essa amalgama de defeitos que formam a estrutura do aspirante á celebridade. Os laboratorios são os jornais, os pontos *chics* de reunião, etc., etc.

Uma *toilette* faz uma estrela. Uma viagem a Paris, outra. O artigo campanudo de um grande crítico, ainda outra...

...Evidentemente, nós temos *estrelas* em teatro que não se guindaram á glória por esses processos. Mas são excepções...

Que é uma estrela? Na generalidade um entezinho malfazejo e insuperavel.

Porque não será a estrela uma actriz como as outras?... Por causa da audacia propria e dos olhinhos galatos... Quantas vezes os olhinhos galatos trazem *toilettes*, viagens ao estrangeiro, aumentos de ordenado, gratificações e papeis!...

E o talento?... ponderámos a Justo Cartilha.

—Ah! sim! Será o talento,—fez Justo Cartilha demoradamente, a remoer.

O talento, coisa muito bonita, não ha duvida. Mas o talento das estrelas, salvo excepções honrosissimas, está encerrado nas frases dos seus papeis. Convença-se: Haverá actores que farão um papel (um tanto duvidoso quando o papel não presta) mas são quasi sempre os papeis que fazem os artistas.

Os papeis, as exigencias, as crises de nervos, o *mécontentement*, a falta de disciplina, o descaço pelas multas, a vaidade, o desassombro na má-creação, as *toilettes*, os artigos dos jornais é que fazem as estrelas, fazem-nas todos os dias, incessantemente, perigosamente.

A aspiração hoje da artista não é ser actriz, é ser estrela, o que é um bacadinho diferente. Empreziario ou director de companhia que viva na companhia de uma senhora que trabalhe no teatro... e aí temos uma estrela.

Actor velho que se associe a uma rapariga nova, geitosinha, com habi-

No «Parque Nunes dos Santos», de S. Pedro do Estoril, vão realizar-se, de 6 de Agosto em diante, excepcionais festejos, cujo produto reverte a favor de varias obras de beneficencia e utilidade publica.

A comissão organisadora, composta das principais familias ali residentes, conta já com valiosissimas adesões, tendo recebido muitos brindes para a «kermesse» e para as tombolas que vão ser instaladas nos *bars* e recintos destinados ao serviço de chá.

lidade, dá em resultado outra estrela.

Dama de posses, pedante e ousada, com largos conhecimentos nas rodas literária e jornalística, com a mania dos grandes papeis, faz-se estrela em dois tempos.

A mulher do galá da companhia, canastrona e inculta até ao impossivel... outra estrela.

Deidade inconsolavel sem amparo ou apoio, com 250 gramas de nome, que se apaixone pelo primeiro actor que com ela faz os principais papeis, aí a temos empregar e estrela, dois desastres.

Em Paris, as «estrelas» tornaram-se absurdas. Signoret quiz suprimilas... Quem diz estrelas, diz estrelos tambem...

Não sabemos se o ideal de Signoret foi realizado com vantagens práticas. Por aqui, passou uma *troupe* de artistas russos, a «Coq d'Or», em que não havia «estrelas» nem nomes salientes no cartaz. E no «Coq d'Or» representava-se tão bem!

Resumindo:

O teatro devia acabar com as «es trelices».

Estamos muito bem servidos com as *vedetas* que temos. Chamam-se agora vedetas... Não precisamos de mais.

A «estrela» mata muitas vezes a actriz.

A estrela é quasi sempre um mal... Eis a grande verdade.

Pela cópia

LUCIFER XXI

## Chiado Terrasse

Cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboas. Optimos films, sempre variados e para todos os gostos de publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

## Olympia

Junta L. Lavallée O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um do industriais na categoria. Films de primeira escolha. As grandes produções européias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de forma a torna-la a preferida do publico.

## S. Luiz Politeama Trindade

A mais bela sala de espectáculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amélia Pereira é um formidavel grupo dramático que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectáculos mais emocionantes de Lisboa. Actualment, «Amor a quanto obrigas».

## Avenida

A mais linda sala de espectáculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amélia Pereira é um formidavel grupo dramático que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectáculos mais emocionantes de Lisboa. Actualment, «Amor a quanto obrigas».

## Apolo

Companhia Saturnia Amarante. A companhia mais simpática ao publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma moçidme irrecusa ao «dico» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites: «Aguapé».

## Eden

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portuguez» grande espectáculo de fantasia.

## Varleada-Pathé

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournée» triunfais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualment «O Bom Sucesso».

## Cinema

Espectáculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

**Ramiro Pinto & C.**  
146, R. AUGUSTA, 148  
TELEF. C. 1666—LISBOA  
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIG. OSANISTARISO



UMA NOVELA HUMORISTICA COMPLETA

Inocencio, que não me parecia ha muito tempo, veio pedir-me agora um grande favor de amigo. Interessado com as festas da Curia, cujos programas tem lido nos jornais, tinha ha muito, como bom português, a curiosidade enorme de ir ver não só as festas desde o seu inicio, mas todos os preparativos para elas, desde a inauguração do primeiro mastro, se tanto fosse possível. Ele quiz ver sempre tudo desde a sua origem, ver como tudo é feito, como tudo é por dentro, e assim como a maioria dos seus curiosos compatriotas, só fica satisfeito assistindo á colocação de todas as traves, ao pregar de todos os pregos, á execução de todos os trabalhos. Ora ele tem sido tão amavel, dando-me farto assunto para tantas crónicas, que eu não podia recusar. E fônos. Munido dum programa dos festejos e dos varios jornais que desde a primeira hora os teem anunciado, o Inocencio desembarcou radiante na Curia.

Ao entrar no Palace, onde o installei, ficou logo deslumbrado. O Hall magestoso, o ascensor moderno e rápido, os salões, o movimento aturdiram-no a principio. Mas o Inocencio não é homem para fraquejar logo ás primeiras. Enguliu em seco umas poucas de vezes, levou a mão ao colarinho, a vêr se a gravata ainda estava no seu posto, e aguardou, tremulo de emoção, que o «groom» á entrada lhe sacudisse a poeira dos sapatos. Tanta solicitude, tal requinte de cortezia calaram-lhe no espirito; e os seus pés, pouco afeitos a tais mimos, todos se ruborizaram dentro do envolvero de vitela do Atlas (nova especie zoologica) que os continha. Ao almôço comeu como duas grossas de frieiras sortidas; e bem disposto, agarrado com unhas e dentes, principalmente com estes ultimos, ao charuto em que entendi dever dependurá-lo, acompanhou-me numa volta ás dependencias do Hotel. E depois de ver os salões, o bar americano, o barbeiro, a manicure, a tabacaria, a estação do correio e de telegrafo, as lojas de modas, que o fizeram declarar que as instalações eram mais perfeitas que o Grandela, deu largas á sua admiração e disse-me, convicto: —Sim, senhor, isto demonstra uma grande iniciativa; é preciso, na verdade, ter audacia, ter coragem para num país pequeno e rotineiro introduzir um tal melhoramento. Vê-se que ha uma grande fôrça de vontade de progresso em tudo isto. E assim é que está certo, continuou com entusiasmo; para que a gente possa progredir é preciso que em tudo, como aqui, haja coragem, haja assim alma até Almeida... —Até Alexandre de Almeida, neste caso.

—Apoiado, concordou tirando uma fumaça, mas a respeito de festas? Era a sua principal preocupação; levei-o por isso a admirar os preparativos, o trabalho fatigante e febril de que elas haviam de sair.

Ao ver as gondolas venezianas, os coches, as cadeirinhas, fez cair sobre mim uma avalanche de perguntas. —Mas as gondolas, vieram mesmo de Veneza?—quiz saber, cheio de interesse. —Isso, sim. São naturais da Curia, mas foram, como vê, decoradas a rigor. Mas olhe que estão perfeitas nesse caso, absolutamente parecidas. A bem dizer só lhes falta falar italiano ao sulcar as ondas,—continuava o Inocencio, num transporle todo marítimo. Os coches foram tambem farto motivo da sua admiração. E quando lhe disse que iria vêr durante as festas a grande actriz Palmira Bastos, com o seu perfil soberano, de rainha que á falta de tronos tem dominado plateias, servindo-se do imperio da sua voz incomparavel, da graça do seu gesto e de toda a doçura do seu olhar, e que a veria descer, de cadeira empoadada, como num grande sonho do passado, de algum daqueles coches dourados que ele contemplava embevecido, o seu entusiasmo trasbordou. —Nunca pensei—dizia-me ele, sinceramente comovido—que poderia rever nela toda a beleza patricia e toda a graça fidalga das minhas antepassadas. —E pense—continuei, para lhe alimentar o sonho dourado que vivia—como seria belo voltar por momentos ao passado e reviver essa vida toda delicada, toda requinte de graça. Pense como se sentiria bem, meu caro amigo, com uma cadeira empoadada, com uns punhos de renda... —Para mim seria um pouco Adelaido...

—Não diga isso. Em logar do seu prosaico paletot da Covilhã, não preferia uma bela casaca de seda? Em vez do reles colarinho, uns lindos bofes... —Isso costuma comprar-se lá em casa, mas é para dar ao gato... —Refiro-me aos de renda. E depois uma esplendida meia de seda, um bom sapato... —Deus me livre, lá de meia de seda é que eu não me atrevia, por causa dos pelinhos das canelas. —O' homem, pois para que se fizeram os depilatorios? —Qual historia, eu assim com a moda das saias curtas, que pegou de estaca lá em casa, já não chego para as encomendas de frascos de depilatorios, que chovem constantemente, para as depilar a elas e para me depenar a mim; e dessa forma tinha que passar

algumas piadas no idioma de Voltaire. E' o que ele chama o seu verniz. Foi o que lhe forneceu aquela engomadeira como complemento do verniz que lhe fornecia nos colarinhos. Mas voltando á Curia. Depois daquela visita do estylo ao estabelecimento mais afreguezado do parque, o Inocencio apenas me fez sentir a sua estranheza pela porção de palha que a comissão das festas mandou colocar sobre a guarita da D. Amelia. De conjectura em conjectura, como eu tambem não soubesse qual a causa de tal medida e posta de parte a hipotesis de que fosse para obsequiar os fogosos corceis dos freguezes que viessem a cavallo comprar tabaco, chegámos á conclusão de que aquilo devia ser a forma de transformar o estabelecimento da D. Amelia numa verdadeira choupana, a fim de que, sendo ela muito dada á vida do espirito e ás coisas do sentimento, assim pudesse significar que o ideal maximo dos poetas e dos que vivem pelo coração é o amor e uma cabana. Estavamos nisto quando o meu amigo se viu cercado por numerosos patos que, atraídos pelo carinho dos aquistas, ali andam sempre á busca das migalhas que lhes trazem das mesas dos hotéis. O Inocencio, que tem aquele vicio de perguntar tudo, quiz logo saber a razão da existencia de tão numerosos patinipedes. —Não vê o meu amigo—informei-o—que o pato é um dos componentes do escudo da Curia... —Percebo, é um simbolo, fez ele, com aquela argucia que lhe é tão peculiar; quere dizer que eles caem aqui todos que nem uns patinhos... —Pois não viu ainda o escudo da Curia? Tem duas meias luas, duas crescentes e duas estrelas e o pato vogando serenamente nas aguas tranquilas do lago... —Não ponha mais na carta, quere dizer, no escudo. Percebo tudo; elas veem aqui que nem uns patinhos, deliram na vastidão do lago que põem nos pincaros da lua, mas no fim veem as estrelas... na altura de pagar as contas dos hotéis. —Puro engano, meu amigo; voce tem aqui tudo o que lhe falta noutros logares e gastando muito menos. Ago-



“Roma eia não se fizeram dia”

Página de bom senso descrevem alguns dos costumes das festas

Ao Leitão de Barros

ra, alem do conforto presente, ainda lhe dão viagens ao passado. Que mais quere? —Eu nem quera tanto. Tenho-me contentado sempre em aguardar o futuro, porque do que tenho passado estou eu farto. —Mas deve concordar que não desgostava de se vêr na pele dos antigos possuidores daqueles coches magestosos. Eu confesso-lhe que presenteemente não me interessam, mas gostaria de ter sido algum daqueles antigos condes, marquezes. —E duques... —Tambem é da minha opinião? —Não, refiro-me aos nobres desse título. E confesso que tenho tambem por vezes desejos de voltar atraz. —Para o hotel? —Não, para o passado. E é por isso que este genero de festas me desperta tanto interesse. Eu tenho o culto das coisas antigas. Não imagina. Conservo tudo; coisas que se partem em cacos, moveis quebrados, que eram dos meus avós, cadeiras partidas, caixotes; guardo tudo. —O' homem, mas dessa forma a sua casa deve ser pior que um bric-à-brac. —Puro engano, tem assim o aspecto dum museu do Carmo, de trazer por casa. O pó nunca falta. A minha casa, alem disso, é velha e eu nunca a limpo, para lhe conservar o caracter, o sabor de antiguidade. —Sabor a antiguidade e um tremendo cheiro a banho, com certeza. Mas compreendo, você quere conservar aquela patine... —Quero conservar a patine e as massas que gastava, se me metesse a fazer obras. —Bom; então não é por amor á arqueologia, é por espírito de economia. O Inocencio não respondeu, mas rapando do programa dos festejos, interpelou-me: —Ora venha cá; ainda não falámos de alguns numeros do programa, que não me parecem de grande novidade. Esta corrida dos corretores de hotéis estamos fartos de a ver á chegada dos comboios, e corridas de creados de meza com chavenas de café e copos de agua, vêem-se a todas as refeições. Ha tambem coisas que eu não compreendo. Vejo aqui, por exemplo, que nas festas do lago as senhoras, vestindo

meu caro Inocencio, eu é que mesmo sem azas vou guindar-me até ao quarto, porque preciso descançar. Despedimo-nos.

De manhã encontrei o meu amigo muito triste e com aspecto de ter passado mal a noite. Extranhei principalmente o seu ar de sono, o seu constante bocejar. —O homem, você parece que não dormiu. —Lá dormir, dormi, mas ao cabo de quanto trabalho, meu caro amigo. O meu quarto era o 398 e não conseguí deitar-lhe a mão. —Mau, você parece que já matou o bicho, com uma certa exuberancia. —Já lhe disse, quando adormeci, era já quasi madrugada. —Não compreendo! Dormiu fóra do hotel? —Não vê que como o quarto era o 398, tive de começar pelo numero um e seguir toda a numeração, e não lhe digo nada, atravessei corredores e corredores, escadas e mais escadas, e nada; quando cheguei ao 250, já tinha perdido um quilo seguramente; mas na altura do 349 não me contive, dei-me em cima da passadeira do corredor e adormeci como um justo. Ela tambem é tão fôfa que equivale quasi a um colchão de arame. —O Inocencio, pois você passou toda a noite a percorrer corredores? —Pois que remedio. E eles tambem não se fizeram para outra coisa. Mas hoje tenho já o meu plano; meto-me no elevador e começo por cima, pelo 400; e assim tenho só duas etapas. —Ora você tinha evitado tudo isso se não fosse distraído como toda a gente e reparasse na indicação bem visivel do andar em que ficam os varios quartos; e chegava lá mais depressa e sem uma tal odisseia nocturna. Como vê, está tudo previsto e indi-



que tivera ocasião de conhecer e apreciar. A amabilidade do Dr. Carlos Sampaio, espirito moderno, desempoeirado e empreendedor, deixou-o encantado. A actividade, o esforço de Leitão de Barros, multiplicando-se até ao infinito, dando uma ordem aqui, uma pinclada acolá, acudindo a tudo, respondendo a todos, atendendo pedidos, fiscalizando, vendo, dirigindo todos os trabalhos, causaram-lhe a maior admiração.

UMA NOVELA ESTILO SEculo XVIII OU MAIS

«toilettes» venezianas, seguirão em gondolas as rainhas dos tres distritos. Mas então isto agora já não ha governadores civis, não ha chefes de distrito! É tudo rainhas, por todos os lados! Já em Lisboa é a mesma coisa, são rainhas para tudo. —Mas, Inocencio, lembre-se de que as mulheres quando são belas, mesmo sem serem eleitas, são sempre soberanas, imperam sobre nós completamente. O Inocencio ia a responder-me, mas levantou-se como que impellido por oculta mola. Eu tinha reparado que junto dele uma senhora ricamente vestida se tinha sentado havia pouco. Ia explicar a mim mesmo a attitude do meu amigo, pelo receio de que essa rainha da moda pretendesse tambem exercer sobre ele o seu imperio, mas afastando-me para longe revelou-me a causa do seu gesto. —Pois não reparou que a dama que se sentou ao nosso lado trazia uns sapatos de pele de cobra? Calcule o perigo em que estivemos. —Se era só pele, se já não tinha o recheio, não é para temer! —Eu sei lá, podia trazer ainda algum bocado de peçonha. Meu caro, agora até casacos e malas de pele de cobra tenho visto. Nunca fiando, meu amigo; a partir do paraíso, a mulher e a serpente ficaram amigas e agora até se vestem com a pele uma da outra. São da mesma fôrça não tenha duvida. E a mulher será sempre a mesma. Ao principio engasgou nos com a maça, agora engasga nos com a conta da modista. E lá aparece sempre a serpente, como vê; ou inteirinha, ou, pelo menos, fazendo-se representar pelo brilho inconfundivel da sua pele. Mas, meu amigo, estou esgotado, vamos agora um pouco para o Hotel, porque se bem que seja muito interessante esta invocação do Seculo XVIII, eu tambem gosto muito daquele conforto do Seculo XX.

—Não tenha duvida, dizia-me ele, que com o progresso, estas pessoas assim muito activas, que desejam e conseguem estar quasi ao mesmo tempo em toda a parte, acabam por nascer com azas. E é pena que uma pessoa assim não possa desde já utilizar esse melhoramento fisico futuro, para poder voar mais rapidamente do pateo das comedias para o campo das cavalhadas e depois para a feira e para o hotel e finalmente para a cama, entrando pela janela para não subir a escada. —E' na verdade incançavel e merecia esse requinte de conforto, mas,



meu caro Inocencio, eu é que mesmo sem azas vou guindar-me até ao quarto, porque preciso descançar. Despedimo-nos.

—Concorda, portanto, com todos os numeros do programa? —Inteiramente e a um deles então dou todo o meu aplauso. Vi numa destas noticias do «Seculo» anunciadas, entre outros numeros do programa, «as corridas do estafermo, turco, alcanzias e fitas». Lá o turco e as alcanzias não me interessam e de fitas estou eu farto. Agora com a corrida aos estafermos concordo plenamente. Digo-lhe mais; já de ha muito se devia ter pensado nisso, porque não ha nada mais desagradavel do que ver estafermos por toda a parte. Ao menos assim é uma limpeza.

—Qual é a parte do programa que mais o interessa? —Mau, isso é uma entrevista? Deixe-me então passar aqui algumas frases a ferro; e se traz fotografos previna, para me pôr numa attitude historica; ou numa attitude Seculo XVIII, se preferir. —Não, conserve-se no Seculo XX, não tema a objectiva e facilite o meu objectivo, que é simplesmente informar os leitores do «Domingo», com uma opinião tão autorizada como a sua. —Pois bem, confesso-lhe que todo o programa me interessa por igual forma; mas o que mais interessante achei nesta invocação historica, de tudo o que vi o que tem mais sabor, mais aspecto de ser do Seculo XVIII, é o illustre membro da comissão, o conhecido arqueologo da nossa praça Sr. Matos Sequeira. —Concorda, portanto, com todos os numeros do programa? —Inteiramente e a um deles então dou todo o meu aplauso. Vi numa destas noticias do «Seculo» anunciadas, entre outros numeros do programa, «as corridas do estafermo, turco, alcanzias e fitas». Lá o turco e as alcanzias não me interessam e de fitas estou eu farto. Agora com a corrida aos estafermos concordo plenamente. Digo-lhe mais; já de ha muito se devia ter pensado nisso, porque não ha nada mais desagradavel do que ver estafermos por toda a parte. Ao menos assim é uma limpeza.

—Não, conserve-se no Seculo XX, não tema a objectiva e facilite o meu objectivo, que é simplesmente informar os leitores do «Domingo», com uma opinião tão autorizada como a sua. —Pois bem, confesso-lhe que todo o programa me interessa por igual forma; mas o que mais interessante achei nesta invocação historica, de tudo o que vi o que tem mais sabor, mais aspecto de ser do Seculo XVIII, é o illustre membro da comissão, o conhecido arqueologo da nossa praça Sr. Matos Sequeira. —Concorda, portanto, com todos os numeros do programa? —Inteiramente e a um deles então dou todo o meu aplauso. Vi numa destas noticias do «Seculo» anunciadas, entre outros numeros do programa, «as corridas do estafermo, turco, alcanzias e fitas». Lá o turco e as alcanzias não me interessam e de fitas estou eu farto. Agora com a corrida aos estafermos concordo plenamente. Digo-lhe mais; já de ha muito se devia ter pensado nisso, porque não ha nada mais desagradavel do que ver estafermos por toda a parte. Ao menos assim é uma limpeza.

AGUSTO CUNHA Nova Sapataria da Moda GRAND PRIX - RIO DE JANEIRO DE 1908 MEDALHA DO-RO - S. LUIZ 1901 Grande sortimento em calçado em todos os generos. Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos VICTOR GOMES & FEDROSO Exportação para a Africa e Brazil PREÇOS RESUMIDOS 102, R. Augusta, 108 61, R. de S. Nicolau, 65 FILIAL NO PORTO - R. Sá da Bandeira, 231 TELEFONE C. 1444 Não se toma a responsabilidade do calçado concedido em atraso por mais de 3 meses.



VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCADAS  
passatempo moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c LISBOA

SECÇÃO CHARADISTICA  
SOB A DIRECÇÃO DE  
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME  
DR. FANTASMA  
N.º 9  
[5. SÉRIE]  
31  
JULHO  
1927

QUADRO DE HONRA

NONÓ, BIXO KNHOTO, DALILA LAOEMAR, PAUSANIAS, DOIS CARTAXEIOS, OIRIL; JOAO CARMO, PEPE EL HERMOSO, EDIPO IONOTO, MARIDO MULHER & FILHO, N.º 2, DESTERRADO 3824, GADUROMA, H. GOSAFOL, RENANDOF, DR. EM FERIAS; JOAO INHA.

8 letra, cântico, letra, vigor de plantas, letra. 9 ai, «fruto», decifrar, progredir. 10 desviar, aquoso. 11 enlace moral, letra, tambem, letra, contrac. da prep. com o art. 12 letra, jornada, letra, «mulher», letra, 13 patética, navegara. VERTICAIS.—1 maltratar, amavel. 2 letra, rio da Suissa, letra, enguia, letra. 3 «instrumento», letra, recto, letra, comportar-se. 4 esquecimento, espirito sobrenatural. 5 nota musical, bagatela, «mulher», interj. 6 letra, agrada

Apuramento do n.º 4 (5.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ORDIGUES  
4 Voto

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D GALENO, DROPÊ,  
Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D, SIMPATICO (12)

OUTROS DECIFRADORES

RENANDOF (5)

DECIFRAÇÕES

1—Bequerença, 2—sorrabado, 3—nonada, 4—rimar, 5—FARRAPÃO, 6—sem razão, 7—fimbado, 8—borra-cheira, 9—pérola; 10—trasfegado, 11—richarada, 12—tamarrá, 13—folhada.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 2, de JAMENGAL, com 3 decifradores.

CHARADAS EM VERSO

[Carta a uma «Lili»]

Lili também eu sou, minha senhora, Sendo, bem pode crer, essa a razão Porque, neste momento, lanço mão Da pena. E, quem sabe, se em má hora?

Que lamentar me tenha, muita embora, Cumpro a ordem que dá meu coração; Sim! Para que fugir á incitação—1 Que seu nome me trouxe mesmo agora?

Perdoe o gesto deste ser perdido—2 Que, no mundo, não teve um só carinho E que profundas dores tem sofrido.

Anceio, por viver assim sózinho, Aquêl amor, p'ra mim, desconhecido... E' s'usta esmola dada a um pobresinho.

Lisboa, ELDEFE TRINO

Nada me atraí, me prende, me seduz,—3 Como essa tua boca nacareda. E os olhos? Ah! Teus olhos, minha amada! Decerto, o Sol inveja a sua luz!...

Nunca julgavi, amor, nunca supuz, Haver no mundo um rosto assim, de fada: De face assim tão linda, tão rosada, Nos olhos um tom negro que reluz!...

Onde é que existe um anjo assim nos ceus? Nem es faria, uns olhos como os teus, Enlucado pintor, em iluminação!

Ah! Eu queria viver; morrer contigo!... —«Pois está bem enganado, meu amigo: Tudo isto são amostras de pintura!...

Lisboa, DITE

Ouvi certo ratoneiro, 3 Amigo da rapinagem, Dizer-se bom companheiro, 1 Para andar na radiagem.

Lisboa, ORDIGUES

Tu rubicas todo o dia—2 E é por isso que eu te ralho,—1 Quem tem juízo, devia Procurar outra trabalho.

Cola bra FRANGERQUE

«Quem porfia, mata ciça»—3 —Diz, não sei onde, um ditado.—1 Pois eu, por minha desgraça, Não caço... e tenho telhado!

A Ilustre confraria «Marianita», respectivamente

6 Deixa-me ir a romaria, Minha mãe; deixa que vá. Assim, não tenho alegria E morre, se não vou lá...—1

Quero ir á capelinha Rezar a Nosso Senhor Mais á Virgem—tão lindinha!— Santa Mãe do Ceador.—1

Quero ouvir o estalejar Dos foguetes folhês Quando se abrem no ar; Quero ouvir essas canções

Que são só da nossa terra E que não tem igual, Que vêm do fim da serra, Do meu querido Portugal...

Lisboa, JAMENGAL

CHARADAS EM FRASE

«Ao confrade «HOPE»]

7 «Mó, tambem design. grande quantidade?»—2—1

Lisboa, AFRICANO

8 Se estiver de lato não posso ir ao emprego.—2—1.

Cascais, ANELE

«Digo-me, só «Ciborano»...]

9 Aquilo que é essencial na ausencia de quantidade aumenta a pequenissima porção?—2—2.

Dafundo, D. SIMPATICO

10 «Visconde da Relva», agradecendo e pedindo que não desanime no seu campanha «p'ro moral charadístico»! Todo aquele que me abriga censuras sem razão, mostra com esse proceder, não ser uma pessoa prudente.—3—1

Lisboa, MARIANITA

11 O único defeito que not. naquele homem é não ter dinhastro—1—1

Paris, RENANDOF

12 Apenas existido, arruinado.—1—3

Lisboa, SATURNO

13 Reconhece se que um paiz se civiliza quando o seu povo dá nota de educado e extremamente politico—4—1

Lisboa, TRES PEREGRINOS

14 «A musica é um rallo caro»,—diss: o douto Victor Hugo. Eis como um grande homem é, ás vezes, um tolo!—2—2

Lisboa, UTS.

(A quem a carapaça serve]

15 A «censura» é, muitas vezes, o imposto que a inveja atribui ao mérito. Por isso, certos individuos não sentem pena de ter investido outros sem razões plausíveis.—3—1

Lisboa, VISCONDE DA RELVA

CORREIO

AULEDO—Saudações. Rogo a fineza de enviar, novamente, a sua charada que tem como conceito «estor», substituindo o substantivo que a precede o adje tivo natural por outro do genero masculino, para que fique perfeita a concordancia com o termo da decifração. Quanto não seja um erro charadístico, acho por bem chamar-lhe a atenção para o facto que, estou certo, lhe passou despercebido. «s meus agradecimentos.

DROPE—Efectivamente não recebi a lista a que se refere. Era favor enviá-la logo que passa. Os meus cumprimentos.

EURISIO—Saude e muitas «notas»... Extranho não ter recebido carta sua. Extrav.o?...

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho 17 r/c—Lisboa—NORTE

TERTULIA EDIPICA

Passando no proximo dia 7 de Agosto o 5.º anniversario desta prestimosa agremiação charadística, realisa-se nesse dia, num dos mais centrais restaurantes de Lisboa, um grande almoço para comemorar essa festiva data.

At listas de inscrição estão patentes nos seguintes locais, até ao dia 5: Rua José Esteves, 127, 3.º; Rua da Voz do Operário, 43, 2.º e Rua de S. Julião, 23, 2.º—E.

DECIFRAÇÕES DO N.º 129

HORIZONTAIS.—3 galo, 4 rosa, 6 ar, 7 ri, 8 aba, 10 rio, 12 raro. 14 em, 15 lama, 17 Ivo, 18 d, 19 os, 20 irrisoria, 22 situado, 23 mi, 24 rel, 25 aceita, 26 ornar, 27 cal, 29 Ashlo, 30 ais, 31 data, 33 ri, 35 M. N., 36 ata, 38 ter, 39 E. N. D., 40 do, 41 Ali, 42 mid, 43 aza, 44 má, 46 vem, 47 ano, 48 er.

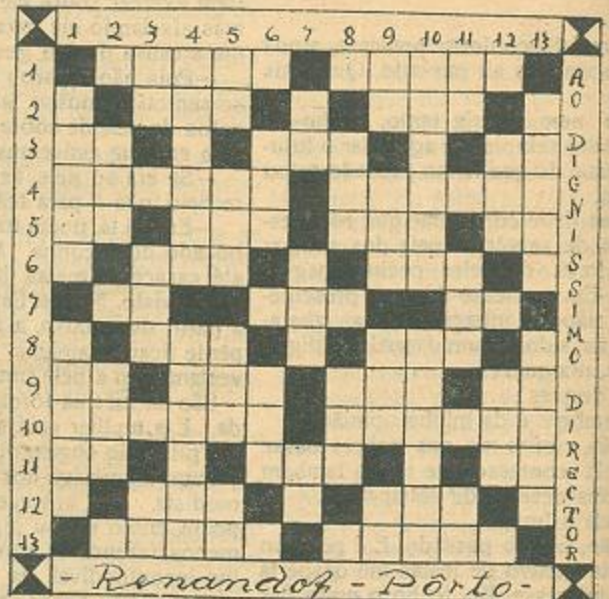
VERTICAIS.—1 rã, 2 ás, 3 Garibaldi, 5 galo, 6 arar, 9 ara, 10 Rev, 11 Imola, 13 amor, 16 asiático, 17 ior, 20-A res, 21 ocarinas, 21-A isolar, 22 A lma, 22-B detalhadas, 25-A erca, 28 mostra, 29-A lia, 32 ai, 34 entendidamente, 35 mate, 37 ardo, 41 ama, 41-A lis, 45 amo, 46 vi, 49 ria.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso illustre colaborador «Renandof».

HORIZONTAIS.—1 especie de andorinha maritima, estacada. 2 letra, interj. (em f ancês) letra, realça, letra. 3 apelido, letra, notas musicais, letra, ataque de paralisia. 4 pessoa que se dá ao desfrute, calvice em que os cabelos caem por partes. 5 vácuo, a luz do sol, pêlo, interj. 6 letra, génio, letra, brota, letra. 7 tenha mão! Encolerisa, imagina.

letra, «constelação», letra. 7 letra grega, preço (arc.), pronome pess. 8 letra, peixe plectognato, letra, a si, letra. 9 «pedra de dómínó», es, creve, pr. videncia, vácuo. 10 pessoa estupidamente emparelha. 11 ai, letra, «homem», letra, indício. 12 letra, ansa (prov.), letra, partida, letra. 13 qualquer pó, tempestuoso.



TELEFONE C. 641



Casa Pelissy Galvani  
Guilherme F. Simões

LIMITADA

COLOCAÇÕES  
E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-ralos

LUZ ELECTRICA  
Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13. RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

VINHO COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Premiado com o grand prix e medalha de Ouro na exposição interaccional da Rio de Janeiro 1922-23

CONSUMO E EXPORTAÇÃO

Os vinhos Colares desta marca não têm rival, todas as pessoas de bom gosto e fino paladar devem exigir esta marca: aos doentes e fracos recomendamos os nossos Colares velho-tinto e branco, colheita de 1920.

GRANDES CAVES EM COLARES

D. J. SILVA L. DA

RUA RODRIG'ES DE SAMPAIO 27 — Telefone N. 1711 — LISBOA

O melhor Whisky é o White Horse

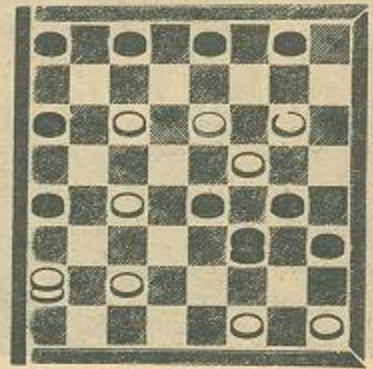


VARIA

# Victor Hugo e uma escritora portuguesa

## DAMAS

PROBLEMA N.º 132  
Pretas 1 D e 9 p.



Solução do problema n.º 131

|   | Branças       | Pretas |
|---|---------------|--------|
| 1 | 13-22         | 29-18  |
| 2 | 4-8           | 11-4   |
| 3 | 2-6           | 1-0    |
| 4 | 3-14-27-20 11 | 15-8   |
| 5 | 21-2          |        |
|   | Ganha         |        |

Resolveram o problema n.º 130 os srs.: Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, H. Braga (S. Tubal), José Brandão (Infantas), Manuel da Fonseca, Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Fanamacho, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Barata Salgueiro, que o dedica ao distinto jogador de Damas o sr. E. Bruno de Sousa (Figueira da Foz).

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirija a secção o sr. João Nunes Cardosa.

## Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se e acreditadissimo produto americano:

Cola «TANOLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

## DISCOS E GRAMOFONES

de todas as marcas.

SOMENTE ARTIGO NOVO

Corra V. Ex.ª todas as casas, para confrontar, mas não feche negocio sem ver o nosso sortido e preços.

CASA GOUVEIA MACHADO

Rua de S. José, 152—Lisboa

CASA VELOCIPÉDICA

DE

## JOSE ANTONIO DE MAGALHÃES

Bicicletes, Motocicletes, Pneus de moto, Pneus de bicicletas, Camaras d'ar, Accessorios de bicicletas, Oficina de reparações, Accessorios para motos Arley e Indian, Artigos de «Foot-Ball»

Largo da Anunciada, 18—LISBOA



Aparelhos fotograficos, chapas, pelliculas, papeis e accessorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer po to do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

sava o homem que, dois dias depois, a Paris inteiro velou, sôb o Arco do Triunfo.

A França resolveu celebrar o centenario do Romantismo, escolhendo como data culminante dêsse movimento de tão imprecisas e subtilezas características literárias e sociais o ano de 1827, em que foi publicado o «Prefácio de Cromwel» ou seja, o manifesto onde Victor Hugo define os principios da estética romântica.



Victor Hugo e os seus netos, Georges e Jeanne, filhos de sua filha, Mme Lockroy.

No Museu Victor Hugo, na Place des Vosges, organiou se uma curiosissima exposição romântica, onde se reuniram quadros, retratos, móveis, joias, que pertenceram aos maiores artistas e escritores da época. Entre quadros pe Delacroix, músicas de Berlioz, autógrafos

guesa, de quem a injustiça dos homens foi inseparavel companheira na vida e na morte. Mas que há de comum entre a camara mortuária de Victor Hugo, a maior glória do seu século, e a escritora portuguesa esquecida pelos seus proprios compatriotas? Apenas a circunstância dessa escritora ter sido uma das raras pessoas que, vencendo a resistência da familia do poeta, conseguiu ajoelhar junto do leito de colunas e docel onde, durante oito dias, repousou o cadaver do grande morto.

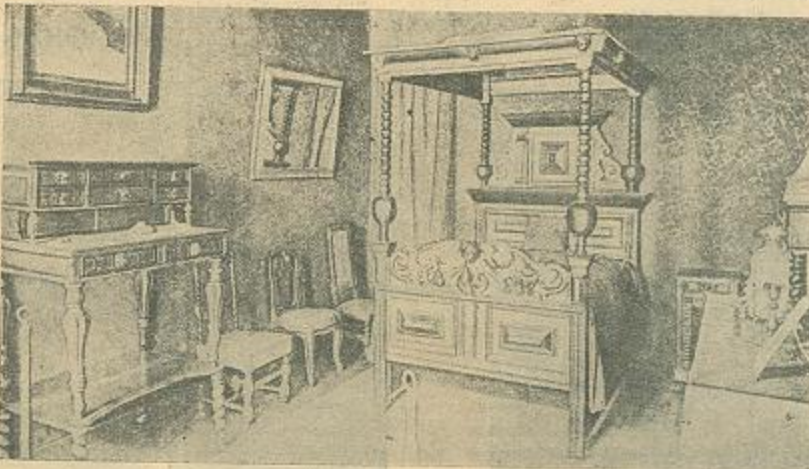
Apenas a circunstância dessa escritora ter conservado, tôda a vida, piedosamente, uma das rosas sôbre as quais descansou a face de Victor Hugo morto, rosa que lhe foi oferecida por Georges Hugo, no momento em que ela acabava de beijar as mãos geladas de seu glorioso avô.

Chamou-se Guiomar Torrezão essa escritora tão impiedosamente ridicularizada por tantos imbecis seus compatriotas e contemporaneos, essa escritora que Fialho de Almeida incluiu entre as suas «Figuras de Destaque», essa escritora que foi uma das duas unicas pessoas a quem Victor Hugo consentiu em ser apresentado, durante as últimas semanas que precederam a sua morte.

No seu livro «Paris» (Impressões de Viagem), publicado em 1888, Guiomar Torrezão reproduz a sua entrevista com Victor Hugo, cuja bondosa mas imponente presença não a fez perder os sentidos—como aconteceu à grande Sarah Bernhardt,—mas impressionou tão profundamente que apenas soube beijar, em silêncio, a mão da poeta. Momentos depois, Hugo, no decorrer da conversa, repetiu o seu gesto, beijou-lhe tambem a mão, e chamando sua filha, uma pequenita loira e irrequieta, apontou a escritora portuguesa e disse: «Jeanne, voici cette dame qui t'aime à cause de ton grand père».

A probidade profissional de Guiomar Torrezão, que foi uma jornalista interessante e combativa, não lhe permitiria a mais leve nota de fantasia na evocação dêsse luminoso momento da sua existência. De resto, a sua probidade fica bem demonstrada perante quem se dê ao trabalho de lêr a sua descrição da camara mortuária de Victor Hugo (a pag. 144 da obra citada) e a reconstituição da mesma câmara agora vulgarizada pelas fotografias de «magazines».

Nas dezenas de obras onde se reproduzem



A camara mortuaria de Victor Hugo, na sua casa da Avenida Eylan.

de Chateaubriand, entre o crucifixo da Elvira de Lamartine e retratos e inúmeras recordações de Lord Byron, Alfredo de Musset, Balzac, Alexandre Dumas, Saint-Beuve, Merimée, Desbordes-Valmore, Georges Sand e tantos outros dêsses «enfants sublimes» que frequentaram o salão de Charles Nodier, vê-se a camara mortuaria de Victor Hugo, fielmente reconstituída.

Foi a fotografia dessa câmara mortuária que nos fez lembrar duma pobre escritora portu-

e arquivam os mais insignificantes episódios da vida de Hugo não se menciona, decerto, a curiosa particularidade de ter sido talvez uma escritora portuguesa a última mulher desconhecida a quem o autor das «Légendes des Siècles» beijou a mão, de ter sido uma escritora portuguesa a única mulher que, corajosamente oculta sob a capa duma outra senhora, íntima amiga do poeta, conseguiu penetrar até à camara mortuária da Avenida Eylan, onde repou-

## XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 133-PROBLEMA

por S. Loyd  
(1.º premio 1903)

Pretas (13)



Branças (9)

Mate em três lances (3)

Resolveram o problema N.º 131 srs. os Nunes Cardoso e Marcelino Marques de Barros.

## Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO

A tourada nocturna do dia 23, em beneficio da Caixa de Pensões ás Viuvias e Orfãos da Policia, satisfiz a sua organizadora quanto á concorrência numerosa, sendo por isso uma receita muito razoavel, digna do fim a que foi destinada.

O trabalho mais notavel de toda a corrida foi a excelente preparação e cravação de ferreamento dos cavaleiros D. Alexandre e D. João de Mascarenhas, tendo aquele fechado a lide do 3.º touro com dois bons pares de bandalhas, a pé, depois de o haver farpeado a curtes e compridos, artisticamente colocados.

Dos peões, houve apenas digno de registro um bom par de ferros do amator Durão; foram pegados todos os touros, de cara e de cruzelha, pelo valente grupo de Santarem, e quanto á direcção da lide a cargo do sr. Conde da Torre, um tanto demorada, devido talvez ás seis pegas de cernelha; o 1.º touro esteve trinta e cinco minutos na arena! E' muito...

Para aproveitar a amenidade do tempo e á falta de outra distracção, fui no domingo a Almada, para ver a praça de touros em reconstituição e quasi concluida, inaugurada provisoriamente no principio da presente temporada. Anunciara-se uma vacada por amadores e quiz assistir ao espectáculo; dos «toureadores», apenas conhecia o profissional Antonio de Carvalho, que coadjuvava a lide.

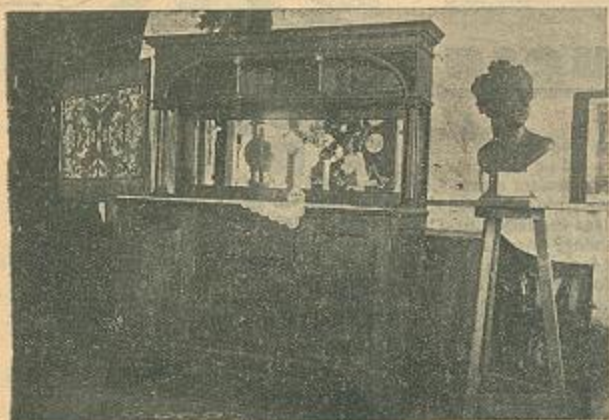
Os lugares de sol estavam quasi todos occupados e a sombra regularmente concorrida. Um grupo musical composto de oito ou dez executantes «deliciou» a assistência com alguns trechos, sem estantes nem papeis; os «tocados», «animadíssimos», transitavam livremente, antes da corrida, pelas bancadas e alguns dos bandarilheiros, seguindo o exemplo dos peões, cumprimentavam suas familias e pessoas das suas maximas relações...; o director da corrida esforçava-se por manter a ordem na arena, não o conseguindo fazer, e recorre á lide, basta dizer que, entre muitos «bambalhões e sortes des-nhecidas, um dos «tocados» cravou uma farpa no extremo do queixo da vaca, seguido de outro ferro numa macha da paciente, á laia de brinco, e depois... «torei-me no meio da corrida, convencido que aquillo havia de ter «agradado» aos assistentes, na sua maioria apreciadores de espectáculos burlescos.

ZÉPEDRO



# actualidades graficas

## O ENSINO INDUSTRIAL NA PROVINCIA



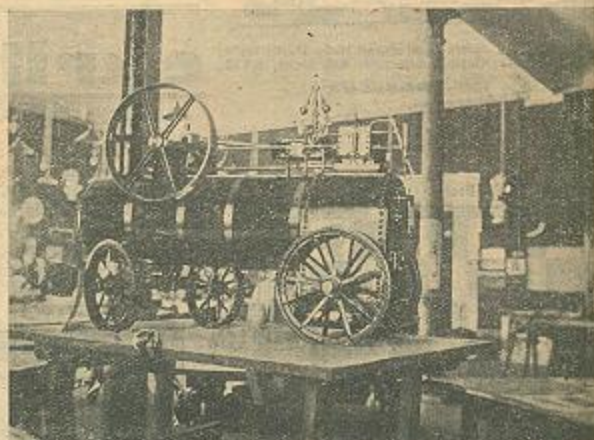
Guarda-prata executado pelos alunos da Escola Fradesso da Silveira em Portalegre sob a direcção do mestre C. Serra. Ao lado um busto grego modelado por um modesto oleiro, aluno do curso nocturno, debaixo da proficiente direcção do prof. Abel Santos, pintor e illustre director da Escola.

## VIDA DESPORTIVA



Coçreia Leal, autor dum livro sobre preparação para a prova do «Campeonato da Legoa», promovido pelos nossos colegas «Sport de Lisboa» e «Seculo».

## O ENSINO INDUSTRIAL NA PROVINCIA



Locomovel reduzida, sistema «Rust n», executada pelos alunos da Escola Fradesso da Silveira, em Portalegre, sob a direcção do mestre João Charaes, e que funciona com a maior regularidade e certeza.

## MAIS UMA TENTATIVA DE TRAVESSIA DO ATLANTICO



Vai ser realizada pelo aviador Givon, cujo aparelho «Farman» aqui apresentamos em vôo de experiencia.

Foto Mearisse

## A ARTE DAS JOIAS



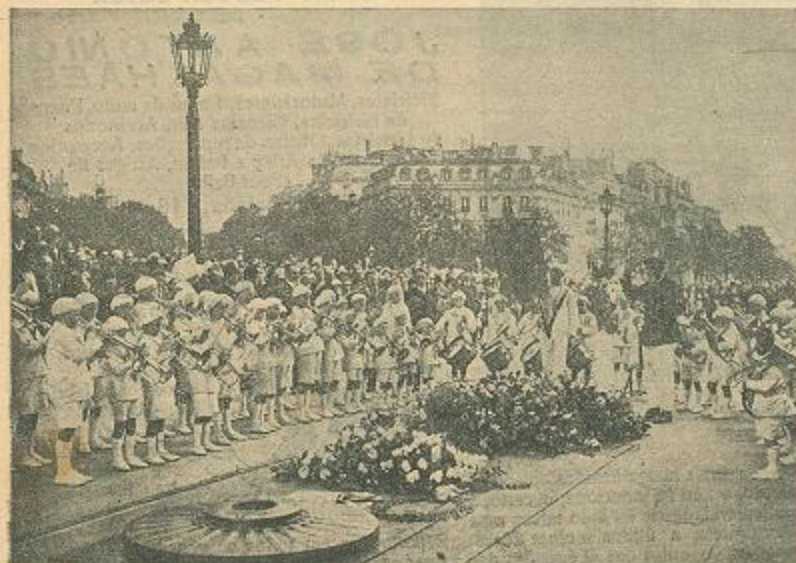
Um formosissimo par de brincos da afamada casa J. e M. Pedro Fraga, da R. da Palma 82.

## CAÑERO EM ALCOCHETE



O discutidissimo toureiro, numa das suas discutidas atitudes, tentando a matar um touro.

## A HOMENAGEM DOS INOCENTES



Os pequenos orfãos de guerra de Fraimbault, tocando a «marselhesa» junto do tumulo do Arco do Triunfo. O mais velho dos pequenos musicos não tem ainda 10 anos...

Foto Mearisse

## COMEMORANDO UM GENIO



Inauguração do monumento ao grande Beethoven, em Vincennes, no momento em que discursa o sr. Herriot, ministro da Instrução.

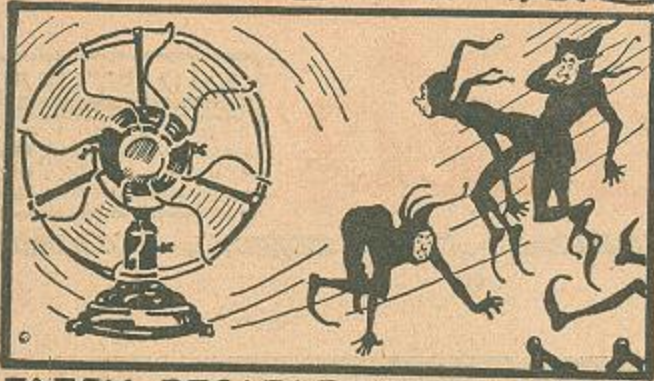
Foto Mearisse

**LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING**



PUBLICIDADE

VENTOINHAS



FAZEM DESAPARECER  
O CALOR  
E AS MOSCAS  
VENDEM-SE A PRESTAÇÕES MENSAIS  
NAS C<sup>AS</sup> R<sup>AS</sup> GAZ E ELECTRICIDADE.  
RUA DA BOA VISTA - 31

Sifilíticos

Preferi a todos os preparados os supositorios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades — EFICACIA COMPLETA — TOLERANCIA ABSOLUTA — EMPREGO FACIL.

A venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA

24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS

31, Praça D. Pedro IV, 32

LISBOA

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accesorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

COLCHOARIA

EXECUÇÃO RAPIDA DE TODOS OS TRABALHOS

SUMALMA, Lã, CRINA E PALHA DE MILHO

CONCERTOS E ADAPTAÇÕES—ORÇAMENTOS  
TELEF. CENTRAL 2981

CAMAS DE FERRO, LAVATORIOS, COLCHÕES DE ARAME

Manuel José do Rosario

26, Calçada da Estrela (esquina)—R. Correia Garção, 15, 17 e 19  
(Frente á Avenida das Côrtes)

GAZ E ELECTRICIDADE

LUSTRES E CANDIEIROS, CHEGARAM LINDOS MODELOS

Banheiras de ferro esmaltado — Instalações electricas, campainhas e telefones. LE TORRIDE; o melhor esquentador automatico para banho (Depositarios). Instalações completas de casas de banho — LOUÇAS SANITARIAS.

BICO NACIONAL AUREO, L.<sup>DA</sup>

(Não confundir com o Bico Auer)

R. 1.º DE DEZEMBRO, AO ROSSIO, 33, 35 e 37 — Telefone Norte 3047

LYON EM LISBOA

UNICA CASA EM LISBOA ESPECIALISADA  
EM SEDAS

Direcção tecnica de

Manoel Cardoso

Todas as semanas chegam  
do estrangeiro

LINDAS NOVIDADES

259, RUA AUGUSTA, 265

EMPRESA ELECTRICA, L.<sup>DA</sup>

ESTORIL—Grande Parque do Estoril—Telefone 90

CINTRA—Telefone 28

OFICINAS: L. de S.<sup>ta</sup> Marinha, 26

ELECTRICIDADE

Instalações completas, Telefones, Ventoinhas, Para-raios, Lustres, Motores, Bombas centrifugas e Material electrico.

LISBOA: Rua da Prata, 120-122  
TELEFONE C. 3198

ENCANAMENTOS

gua, Gaz, Aquecimento, Material sanitario nacional e estrangeiro, Bombas de todos os sistemas, Montagens completas de casas de banho e reparação de aparelhos electricos.

A. CRUZ L.<sup>DA</sup>

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA

E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

Importação directa

FUNERAES

TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS  
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS. PROVINCIA, ETC.

URNAS, ARMARIOS, COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVICO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:

RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

## *ilustrado*

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -  
SEMESTRE - 24 ESC. -  
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10  
ESTRANGEIRO  
ANO 64x64 - SEMESTRE 32x16

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### UM GRANDE ARTISTA

O glorioso «virtuose» Rubinstein, um dos maiores artistas de piano que têm existido, preferia os magnificos pianos WINKELMANN que os Srs. JANUARIO NUNES & C.<sup>a</sup> (Filhos) têm tornado acreditados em Portugal.

## LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING